



SIMÕES DE ASSIS

Sergio Lucena
Espelho
Mirror

até 12 de junho 2021
until june 12 2021

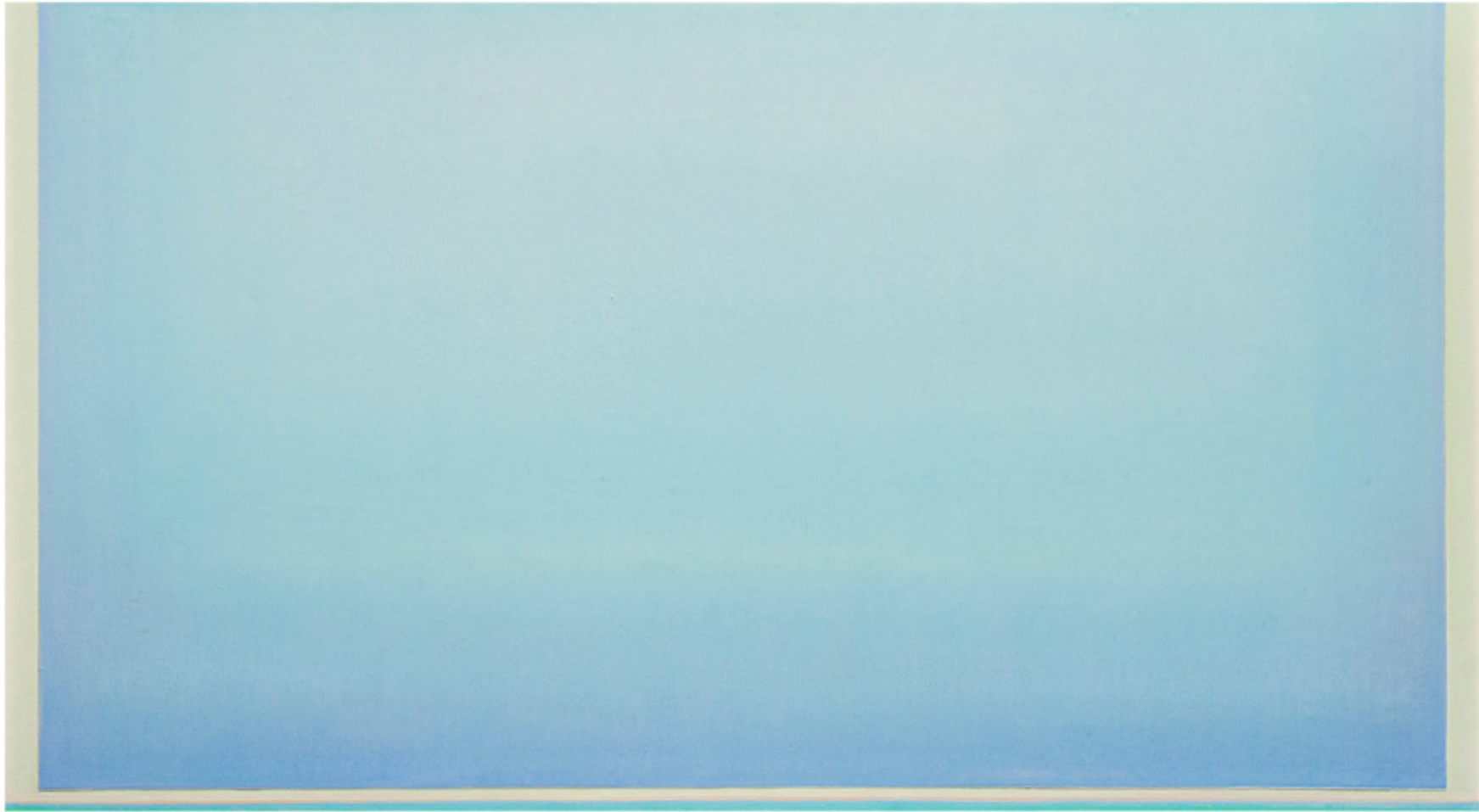
A galeria de Curitiba está aberta ao público com hora marcada. Agende sua visita pelo site ou telefone.

The Curitiba gallery is open to the public by appointment. Schedule your visit by website or phone.

curitiba
al. carlos de carvalho 2173 A
80730-200 pr brasil
info@simoesdeassis.com
+55 41 3232-2315

simoesdeassis.com
@simoesdeassis_



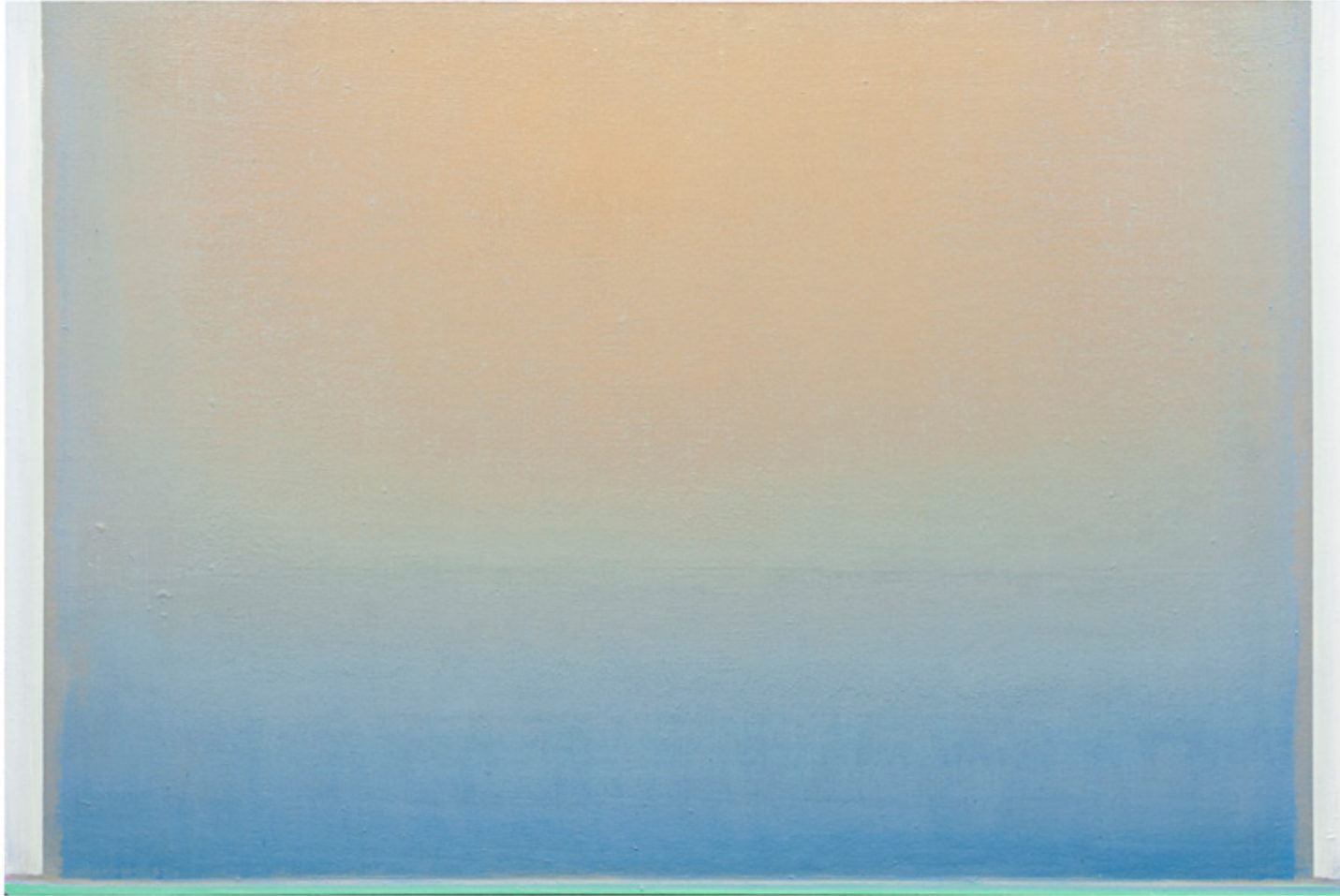


Certas distâncias de tão distantes são próximas, 2021
óleo sobre tela
110 x 200 cm
oil on canvas
43 $\frac{1}{3}$ x 78 $\frac{3}{4}$ in

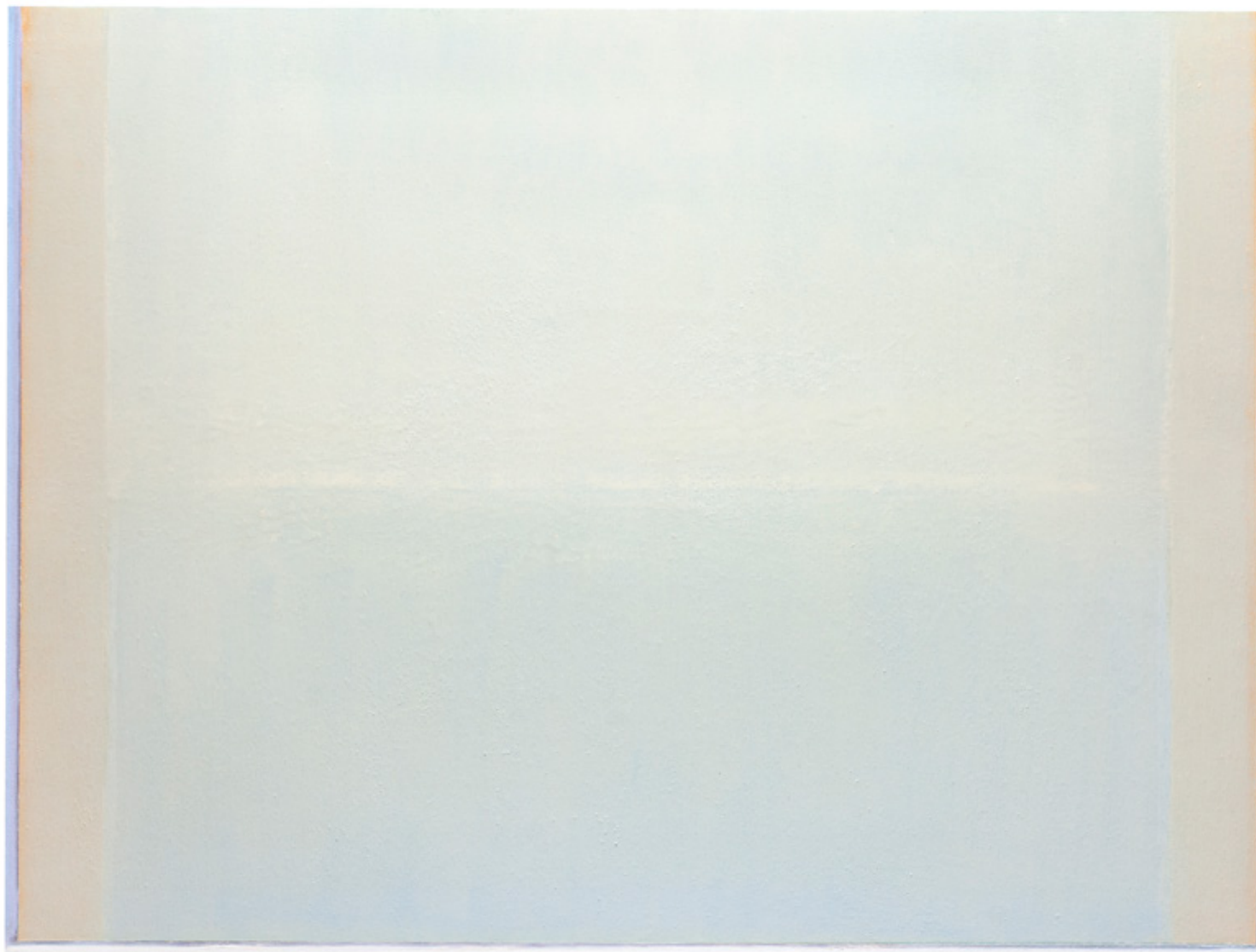


O prazer é um lugar bom de se estar, 2020-2021
óleo sobre tela
150 x 200 cm
oil on canvas
59 x 78 ¾ in





Pintura alumiada de Sol, 2020
óleo sobre tela
80 x 120 cm
oil on canvas
31 ½ x 47 ¼ in



Paisagem sutil, 2020
óleo sobre tela
150 x 200 cm
oil on canvas
59 x 78 ¾ in

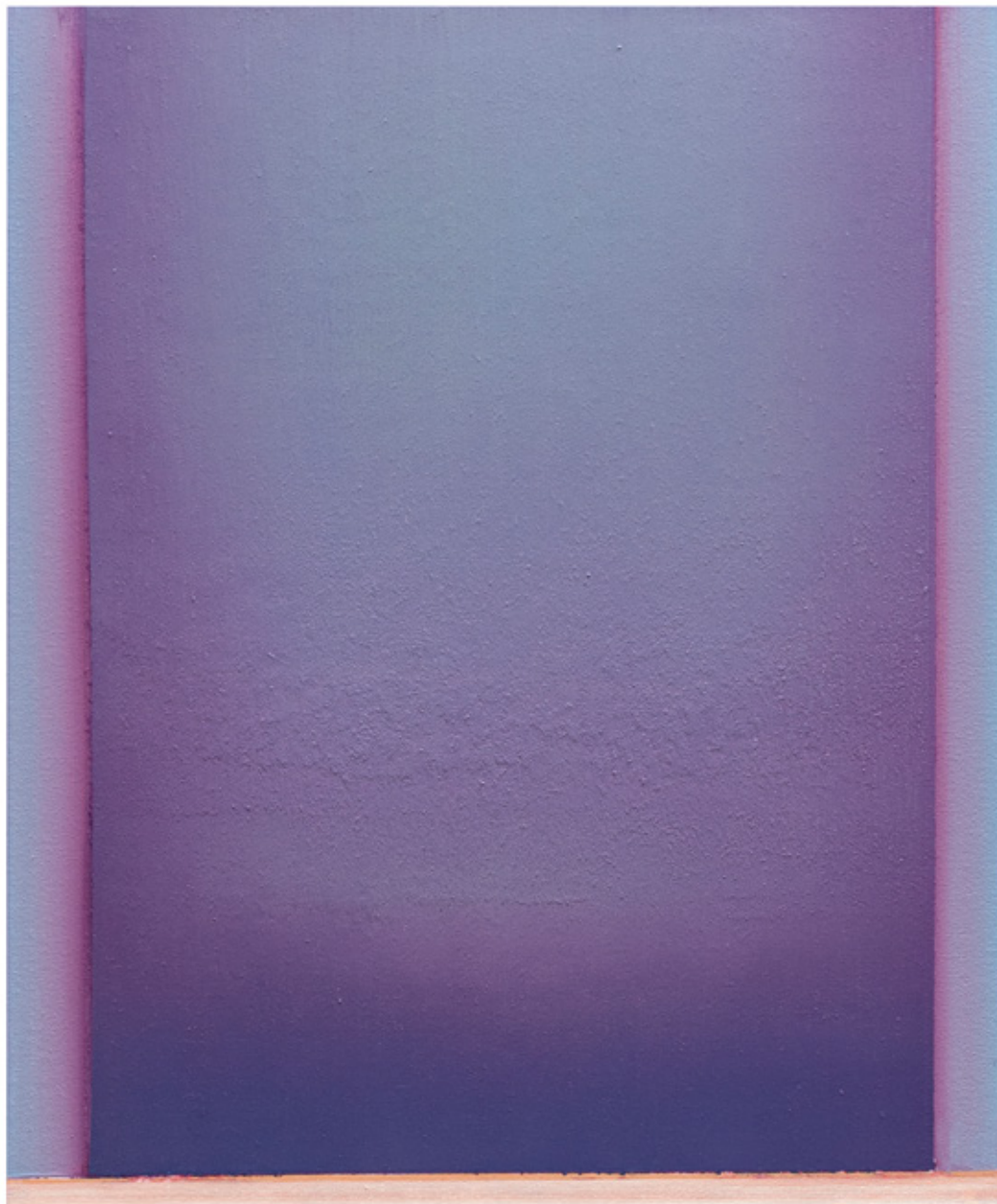


Um pensamento cheio de distâncias, 2020
óleo sobre tela
70 x 60 cm
oil on canvas
27 5/8 x 23 in





Luz flutuante 02, 2021
óleo sobre tela
60 x 50 cm
oil on canvas
23 ⅝ x 19 ⅝ in



Luz flutuante 01, 2021
óleo sobre tela
60 x 50 cm
oil on canvas
23 ³/₅ x 19 ³/₅ in

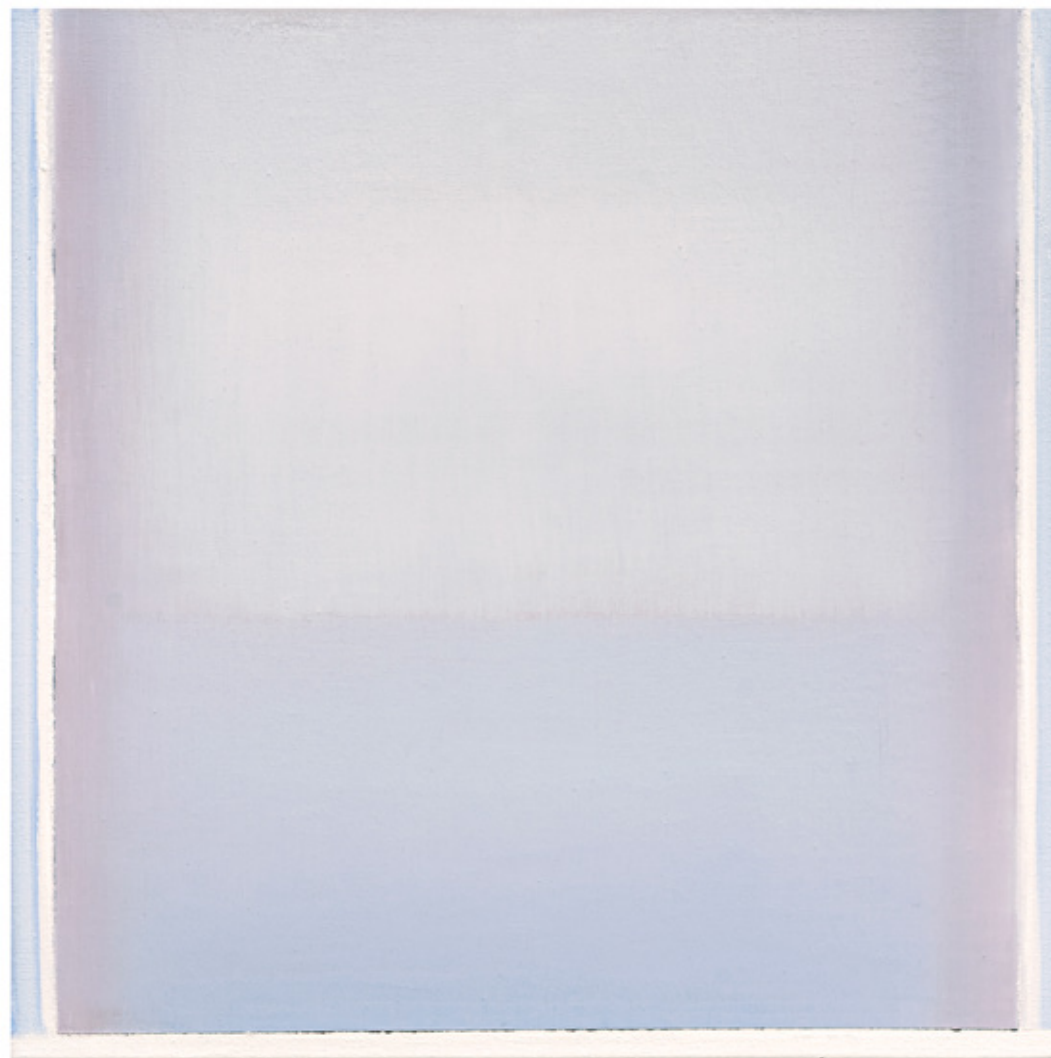


Luz flutuante 03, 2021
óleo sobre tela
60 x 50 cm
oil on canvas
23 ⅝ x 19 ⅝ in





Delícia de pintura, 2021
óleo sobre tela
40 x 40 cm
oil on canvas
15 ¾ x 15 ¾ in



Paisagem discreta, 2021
óleo sobre tela
100 x 100 cm
oil on canvas
39 3/8 x 39 3/8 in





Pintura que guarda silêncios, 2021
óleo sobre tela
120 x 120 cm
oil on canvas
31 ½ x 47 ¼ in





Paisagem como metáfora, 2020
óleo sobre tela
170 x 110 cm
oil on canvas
67 x 43 ⅓ in

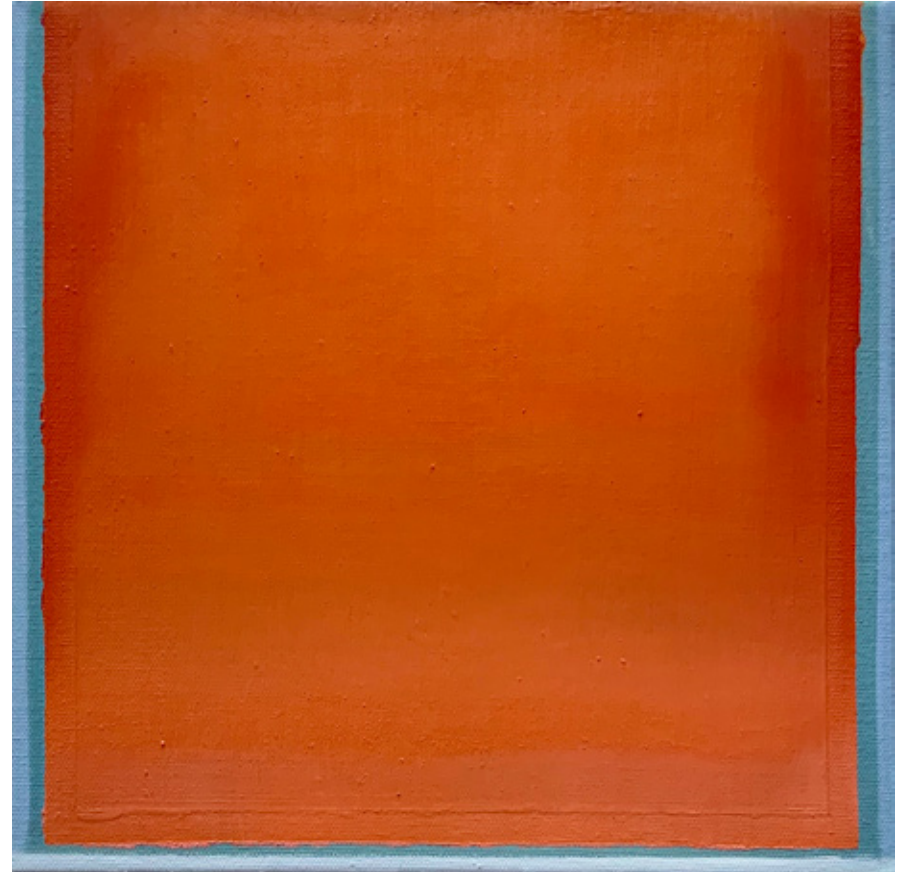




Suíte Haikai 1, 2020
óleo sobre tela
25 x 25 cm
oil on canvas
9 4/5 x 9 4/5 in



Suíte Haikai 3, 2020
óleo sobre tela
25 x 25 cm
oil on canvas
9 7/8 x 9 7/8 in



Suíte Haikai 2, 2020
óleo sobre tela
25 x 25 cm
oil on canvas
9 4/5 x 9 4/5 in





Na nascente da pintura, o encontro com o insondável

*O poema ainda sem rosto
O bosque ainda sem árvores
Os cantos ainda sem nome
Mas a luz irrompe com passos de leopardo
E a palavra se levanta ondula cai
E é uma extensa ferida e puro silêncio sem mácula*

Octavio Paz

A sintaxe visual de Sergio Lucena revela o que ainda está por ser escrito através da cor. A exposição “Espelho” cria sua órbita ao redor do caleidoscópio de cores que se condensam numa espécie de espelhamento que é identificação e também diferença: uma maneira de esbarrar no epifânico e no inominável preservando o grão de mistério, como se o artista apanhasse as cores no abismo da representação, lá onde se abriga a memória fantástica do sertão, no lugar trêmulo de uma mitologia que constitui seu lugar de origem.

“O Espelho” é o nome de um filme de Andrei Tarkóvski que, para mergulhar no território do íntimo e nos acontecimentos da infância, utiliza o cinema como imagem refletida num espelho em que cabem as belas e traumáticas cicatrizes deixadas pela vida, as sublimes ocorrências que o cotidiano oferece numa reunião de imagens e sensações que, a princípio, pouco têm em comum, mas que se adensam a partir de um jogo entre a dimensão visível e invisível, na mistura do heteróclito.

Do lugar de origem – o sertão da Paraíba – Lucena resgata sua relação com a cor: a vibração da luz no espaço, a sensação tátil, o movimento e o espaço subjetivo, encarnado tanto pela claridade quanto pela obscuridade de cada tonalidade. O encontro do diverso é ponto fulcral para um trabalho que abriga o caldo formativo de um mundo mágico ligado às forças da natureza. Foi também com a pura alteridade que o artista se deparou na Dinamarca, lugar em que a linha de horizonte infinita da paisagem abarca o sentido enigmático que se seguiu no seu trabalho. O êxtase no encontro com a cor e a luz da paisagem nórdica, misturado à paisagem sertaneja de origem, marca um giro importante no percurso de Sergio Lucena. Foi uma viagem em que as memórias das cores de um mundo mítico – que conjugava danças populares de rua, circo, natureza e riqueza simbólicas – se cruzaram com um mundo desconhecido em que se situava a pura diferença, como um espelho que é identificação e também revelação de uma outra cena.

Do mundo alegórico originário, da tradição oral, das personagens errantes, dos bichos e deuses, o artista se encontra com um silêncio que incide na obra e opera, a partir daí, um exercício de redução que traz uma fina e nova complexidade. Como a revelação de um segredo que se impõe e, numa espécie de transe epifânico, ele revira o sentido de sua criação. Nessa torção, caminha da pintura figurativa oriunda de um universo alegórico para a extração máxima, condensando o sensível, de forma preciosa, através da sutileza e da pulsação das cores.

Essa diferença formal será decisiva no modo de tratar essa espécie de mitologia constitutiva, pois o artista tem, muitas vezes, apenas uma ferida ou um ponto de fulguração que se apresenta como um não-saber, mas que lhe concede silêncio ou algumas palavras balbuciantes que o orientam no gesto artístico. Essa religiosidade, fundada na imanência do mundo e no sagrado como presença do mistério nas coisas, é parte do exercício de redução que faz com que sua pintura se adense e ganhe outra complexidade, como se agora a luz e a atmosfera tomassem o lugar da narrativa, como se a memória e as sensações impressas no corpo pudessem se confluir numa pintura que abriga um conflito próximo ao da linguagem poética. Se as fronteiras entre as cores e as sensações parecem esvaír, é parte do processo pictórico preservar o dissenso como forma de encantamento conjugando céu e terra, o familiar e o estranho, a margem e o espaço infindável da pintura estendida no mundo, nas coisas e na matéria.

As cores atingem determinado grau de luminosidade, um estado de consciência que levam ao limite o encontro, a revelação, a aparição desse grão de insondável. A matéria pictórica inaugura uma realidade, do cromático ao subjetivo, tratando a cor como experiência sensível e também como acontecimento que dá início a algo. Trata-se de uma pintura de camadas, finas sobreposições que criam filtros de cor na sutileza do gesto artístico, como que revelando a nascente da pintura numa equação cromática que leva o olho até a experiência interior. O exercício de redução formaliza cromaticamente um acontecimento, um estado da alma, a aparição de algo. As linhas que sustentam os quadros são abertas, porosas ao mundo. Dentro e fora convocando as cores como síntese.

No lugar que antes habitava a figuração, encontra-se agora uma potência poética. Ao invés de força narrativa, há uma nova e mais precisa maneira de dizer as coisas no exercício de depuração dos excessos. A cor ganha em complexidade e sofisticação e torna-se protagonista na síntese poética que Lucena pretende alcançar. Agora ele persegue o rastro na obra, a conexão com uma alquimia que a materialidade da cor acessa, como no texto de Jean-Luc Nancy "O vestígio da arte", em que a presença também se coloca naquilo que escapa, naquilo que aterra, mas incorpora também a dimensão subjetiva da fantasia: possessão e despossessão. Para Nancy, pensar a dimensão do vestígio na arte é abdicar da procura de um sentido primeiro e percorrer os passos que sucedem uma pegada, o transbordamento entre uma coisa e outra.

O ato artístico é aquilo que guarda a dimensão do insondável, que cria o acontecimento e, também, efeito dessa aparição única e irrepetível que aparece em cada quadro como nomeação de um incomensurável encontro: luz flutuante; o prazer é um lugar bom de se estar; paisagem como metáfora; paisagem sutil; pintura que guarda silêncios. Os nomes revelam o aspecto quase cósmico da obra – ou, lembrando Marcel Duchamp, o "infraléve" – que o artista sistematiza de maneira improvável como o enfrentamento de um impossível, como aquilo que segue as linhas da fragilidade para captar os fenômenos sutis que escapam da visão imediata inventando uma "poética do mínimo": de um ponto onde o mínimo alcança o grandioso.

No trabalho de Lucena, as camadas de cor depositadas na tela alcançam um sentido muito próprio: há uma ambiguidade necessária que conjuga um sentimento quase volátil, alternando contrastes e sutis variações cromáticas, com uma materialidade sensorial e subjetiva. Uma cor parece derivar da outra, mas há também uma fina densidade e espessura que revela algo de uma experiência de mundo que o artista vai nomeando em cada quadro, como um jogo de textualidades que encontra na paisagem um caminho, ou mesmo um desfiladeiro.

Há tensão dinâmica e apreensão do movimento sutil das cores como experiências vitais, a encenação de um configurar e desfigurar da realidade, um caráter movente que é um desdobramento das coisas do mundo. Para o poeta Herberto Helder, o grande prestígio da poesia e da arte é "apanhar as coisas na sua fortuita distração" não havendo, assim, o intuito da representação fiel, mas sim o desejo incontornável de representar o que é impossível de ser representado, aquilo que está fora do olhar comum, ou seja, ver o que está na exterioridade da linguagem e da imagem e, assim, tornar possível o fazer poético.

Como um poeta alquímico, Sergio Lucena converte um estado de coisas noutro estado de coisas e persegue essa paisagem transfigurada pelo exercício da redução. Em sua obra podemos habitar a metamorfose do mundo que acontece nessa relação especular de identificação e estranhamento, acontecimento incessante entre o visível e o invisível, entre o céu e a terra, sustentando o encontro com as coisas no momento trêmulo em que elas nascem e transbordam.

Bianca Coutinho Dias
Psicanalista e crítica de arte.

In the source of painting, the encounter with the unfathomable

The still faceless poem

The still treeless forest

The still unnamed songs

But light erupts with leopard steps

And the word rises wavers and falls

It is an extensive wound and pure silence without macula

Octavio Paz

Sergio Lucena's visual syntax reveals what still remains to be written through color. The exhibition titled "Mirror" creates its orbit surrounding a kaleidoscope of colors that are condensed in a kind of mirroring which is identification and also difference: a way of bumping into the epiphanic and the unspeakable, preserving the grain of mystery, as if the artist gathered the colors in the abyss of representation, there where the fantastic memory of the hinterland is harbored, in the trembling place of a mythology that constitutes his place of origin.

"The Mirror" is the name of an Andrei Tarkovsky film. The director, in order to dive into an intimate territory and childhood events, uses cinema as a reflected image in a mirror, where the beautiful and traumatic scars left behind by life can fit, the sublime occurrences that everyday life offer in a set of images and sensations which, at first, have little in common, but are thickened by a game between visible and invisible dimensions, in a whimsical combination.

From his place of origin – the Paraíba hinterland – Lucena recovers his relationship with color: the light vibrating in space, the tactile sensation, the movement and the subjective space, incarnated in the clarity, as well as in the obscurity, of each shade. The encounter with diversity is a crucial point for a work that hosts the creative broth of a magical world connected to nature's forces. The artist faced pure alterity in Denmark, where the landscape's infinite horizon line encompasses the enigmatic sense that came into his work. The bliss of coming across the nordic landscape's colors and lights, merging them with the original hinterland, marks an important turning point in Sergio Lucena's trajectory. In that journey, the memories of the colors from a mythical world – which combined popular street dances, circuses, nature and symbolic riches – intersect with an unknown world where pure difference resided, like a mirror that is identification and also revelation of another scene.

From the allegorical original world, of oral traditions, errant characters, animals and gods, the artist encounters a silence that is cast in the work, operating a reduction exercise that creates a thin new complexity. Just like a secret revealed, in a kind of epiphanic trance, he clinches the direction of his creations. In this twist, he moves from figurative painting of an allegoric universe to the maximum extraction, condensing sensitivity, in a precious way, through the subtlety and pulse.

This formal difference will be decisive in the way of treating this kind of founding mythology, because the artist has, frequently, only one wound or fulguration point, which is presented as not-knowing, but granting him silence or a few babbling words that guide the artistic gesture. This religiousness, founded in the immanence of the world and in sacredness as the presence of mystery in things, is part of the reduction exercise which thickens this painting with more complexity, as if now light and atmosphere replaced narrative, as if memory and imprinted sensations on the body could conjoin in a work that hosts a conflict similar to poetic language. If the frontiers between colors and sensations seem to fade away, it is part of the pictorial process to preserve strife as enchantment, conjugating heaven and earth, the familiar and the uncanny, margin and infinite space of painting expanded into the world, into things and into matter.

The colors reach a certain degree of luminosity, a state of awareness that lead to the threshold of the encounter, the revelation, the apparition of this unfathomable grain. Pictorial matter inaugurates a reality, from color to subjectivity, treating color as a sensitive experience, and also as an event that starts something. They are thinly layered paintings, fine juxtapositions that create color filters in the subtlety of the artistic gesture, as if revealing the origin of painting in a chromatic equation that leads the eye to an inner experience. The reduction exercise chromatically formalizes an event, a soul state, the emergence of something. The lines that support the works are open, porous to the world – in and outside, summoning color as synthesis.

In the place where figuration used to inhabit, now we find poetic power. Instead of a narrative force, there is a new and more precise way of saying things in the exercise of excess debugging. Color gains complexity and sophistication, becoming the protagonist in the poetic synthesis that Lucena seeks to achieve. Now he pursues the work's trace, the connection with an alchemy that color's materiality can access, as in Jean-Luc Nancy's essay, "O vestígio da arte" (The vestige of art), in which the presence is also placed in that which escapes, which is landed, but also incorporates the subjective dimension of fantasy: possession and dispossession. For Nancy, to conceive the dimension of vestiges in art is to abdicate the search for a primary meaning, following the steps that succeed a footprint, the flooding between one thin and the other.

The artistic act is that which holds the unfathomable dimension, which creates occurrences and, also, the effect of this single and unrepeatable apparition that appears in each painting as naming the immeasurable encounter: floating light; pleasure is a good place to be in; landscape as metaphor; subtle landscape; painting that holds silences. The names reveal the almost cosmic effect of the work – or, recalling Marcel Duchamp, the "infrathin" – which the artist systematized in an unlikely manner as facing the impossible, as that which follows the lines of fragility to capture the subtle phenomena which escape immediate sight, inventing a "poetic of the minimum": from a point where the minimum reaches grandiosity.

In Lucena's work, the layers of color set on the canvas reach a singular meaning: there's a needed ambiguity that conjugates an almost volatile sentiment, alternating contrasts and subtle chromatic variations, with a sensorial and subjective materiality. The colors seem to derive from one another, but there's also a thin density and thickness that reveals something of an experience with the world that the artist will name in each painting, like a text game that finds a path in landscapes or canyons.

There is a dynamic tension and apprehension in the subtle color movements as vital experiences, the enactment of configuring and disfiguring reality, a moving aspect that is unfolding things in the world. For poet Herberto Helder, the great prestige of poetry and art is to "catch things in their fortuitous distraction", thus, not having the intent of faithful representation, that which escapes the common gaze, that is, to see what is outside of language and imagery, making the poetic creation possible.

As an alchemist poet, Sergio Lucena converts a state of things in another state of things, pursuing this transfigured landscape through reduction exercises. In his work, we can inhabit the world's metamorphosis, which takes place in this mirror identification and strangeness relation, an unrelenting happening between the visible and the invisible, between heaven and earth, supporting the encounter with things in the trembling moment in which they're born and overflow.

Bianca Coutinho Dias
Psychoanalyst and art critic.



Sergio Lucena (João Pessoa, PB, 1963). Vive e trabalha em São Paulo. Estudou Física e Psicologia na Universidade Federal da Paraíba. Na década de 1980, dedicou-se ao estudo e pesquisa do desenho e da pintura. Nesse período, participou de diversos salões, sendo premiado no Salão Nacional de Artes Plásticas da Funarte, MAM-RJ. Seus primeiros trabalhos incursionavam por uma figuração fantástica, apresentando seres híbridos e místicos/mágicos, nas quais já explorava seu principal assunto: luz e cor. Em 1991, participa do workshop promovido pela Deutsch-Brasilianische Kulturelle Vereinigung, em Berlim, onde, no ano seguinte, realizou residência artística, e integrou a mostra "Alemanha Hoje", com curadoria de Frau Müller, na Laden Galerie. Em 2005, participa do workshop internacional Remisen Akademi, em Brande, Dinamarca.

O encontro da luminosidade das paisagens nórdicas com as paisagens selvagens do sertão paraibano de sua infância afeta profundamente seu trabalho, que passa por uma virada em direção à abstração e pelo abandono da figuração em favor de paisagens luminosas, nas quais a cor passa a funcionar como uma espécie de véu, ou filtro. Desse momento em diante, sua pintura reside entre uma abstração de campos cromáticos e sugestões paisagísticas atmosféricas, exaurindo sempre as possibilidades de articulação dos elementos de luz e matiz de maneira intensa.

Recebe o Prêmio Mario Pedrosa para Artista Contemporâneo da Academia Brasileira de Críticos de Arte, em 2012. Em 2014, recebe o Prêmio Energisa de Artes Visuais. Em 2015, participa da mostra "Admirável Mundo Novo, Admirável Mundo Velho", no The Adashi Institute of Woodcut Prints, Tóquio, Japão. Em 2017, participa da mostra "Os Desígnios da Arte Contemporânea no Brasil", no Museu de Arte Contemporânea da USP, MAC-USP, São Paulo. Realiza residência artística na Oxbow Seattle, USA, e sua obra passa a ser representada nos Estados Unidos pela Mariane Ibrahim Gallery. Em 2021, realiza as exposições individuais "The Blue That Embraces Me", na Mariane Ibrahim Gallery, Chicago, e "Espelho", na Simões de Assis, Curitiba, galeria que passa a representá-lo nacionalmente.

[visite a página do artista](#)

Sergio Lucena (João Pessoa, PB, 1963). Lives and works in São Paulo. He studied Physics and Psychology in the Universidade Federal da Paraíba. During the 1980s, he dedicates himself to researching and studying painting and drawing. He participated in art salons, being awarded in Funarte's Salão Nacional de Artes Plásticas, at the MAM-RJ. His first works dealt with a fantastical figuration, presenting hybrid and mystical beings, in which he already explored his main subjects: color and light. In 1991, he participated in the workshop organized by Deutsch-Brasilianische Kulturelle Vereinigung, in Berlin, where, in the following year, he attended an artistic residency program, and integrated the exhibition "Alemanha Hoje" (Germany Today), curated by Frau Müller, at the Laden Galerie. In 2005, he attended the international workshop organized by the Remisen Akademi, in Brande, Denmark.

The encounter between the luminosity of the Nordic landscapes and the wild hinterlands in Paraíba from his childhood deeply affected his work, which goes through a turning point towards abstraction, abandoning figuration in favor of luminous landscapes in which color works as a kind of veil, or filter. From this moment onwards, his paintings reside between abstract chromatic fields and the suggestion of atmospheric landscapes, exhausting the possibilities of articulating elements of light and hue in an intense manner.

In 2012 Lucena received the Mario Pedrosa Award for Contemporary Artist, from the Academia Brasileira de Críticos de Arte (Brazilian Academy of Art Critics). In 2014, he was awarded the Prêmio Energisa de Artes Visuais. In 2015, he participated in the exhibition "Admirável Mundo Novo, Admirável Mundo Velho" (Brave New World, Brave Old World), at the The Adashi Institute of Woodcut Prints, Tokyo, Japan. In 2017, he participated in the exhibition "Os Desígnios da Arte Contemporânea no Brasil" (Designs of Contemporary Art in Brazil), at the Museu de Arte Contemporânea da USP, MAC-USP, São Paulo. He participated in the artistic residency at Oxbow Seattle, USA, and his work is represented by Mariane Ibrahim Gallery in the United States. In 2021, he presents two solo exhibitions: "The Blue That Embraces Me", at the Mariane Ibrahim Gallery, in Chicago, and "Espelho" (Mirror), at the Simões de Assis, in Curitiba, gallery that now represents him in Brazil.

[visit the artist page](#)

SIMÕES DE ASSIS

São Paulo

rua sarandi 113a
01414-010 sp brasil
+55 11 3063-3394

Curitiba

al. carlos de carvalho 2173a
80730-200 pr brasil
+55 41 3232-2315